

Cinco séculos de ativa participação histórica

A idade do Brasil é praticamente a mesma da introdução da cultura da cana-de-açúcar em nossas terras. Assim, pode-se dizer que nossa história agrônômica está intrinsecamente ligada ao seu cultivo. Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, o surto consumista que acometia a ascendente burguesia européia recaía sobre as especiarias indianas. Portugal, que mantinha o monopólio desse mercado, dispensou pouca atenção à nova colônia, interessando-se apenas em explorar, predatoriamente, o pau-brasil – árvore nativa que produzia um corante utilizado na indústria têxtil. Com o declínio do comércio de especiarias, Portugal buscou alternativas econômicas para explorar em sua colônia sul-americana, motivo pelo qual o rei D. Manuel decidiu estimular o cultivo, no Brasil, de uma planta originária provavelmente da Nova Guiné (Ásia): a cana-de-açúcar.

Assim, em 1532, desembarcou no litoral paulista a expedição de Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente, com uma determinação objetiva: introduzir, na região, o plantio

cana. Foi o ponto de partida da produção canavieira em nosso país. Percebendo o potencial produtor das terras brasileiras e a enorme demanda de consumo para o açúcar – principal produto da gramínea – os portugueses intensificaram sua produção, alçando o Brasil rapidamente ao posto de maior produtor mundial, posto que – a despeito de alguns períodos menos brilhantes – ocupa até os dias atuais. A cana foi um instrumento de ocupação e colonização que, segundo estimativas, gerou no período colonial – de 1500 a 1822 – uma renda duas vezes maior do que a obtida através da extração de ouro (principalmente no século XVIII) e quase cinco vezes maior que a soma de toda a riqueza gerada por todos os demais produtos agrícolas juntos. Riqueza que foi abarrotar os cofres portugueses...

No período da Idade Média, o açúcar tinha, por sua raridade, um preço elevado. Era privilégio de reis e nobres, que chegavam a registrar seus estoques em testamentos. A nobreza européia o obteve, inicialmente, através de mercados-ares árabes, chegando a chamá-lo de

“mel pagão”. Autora de recente trabalho intitulado “Álcool, energia verde”, a jornalista e pesquisadora Regina Machado Leão traça um histórico da cana no Brasil. Segundo ela, os portugueses precisavam encontrar “um produto de grande valor, que pudesse ser explorado (no Brasil) para compensar o alto custo do frete até a Europa e que ocupasse grandes áreas para garantir a efetiva posse do novo território. A cana-de-açúcar atendia a todas essas exigências”. Assim, o império luso passou a dar incentivos fiscais aos produtores de açúcar da colônia, estimulando inúmeros comerciantes a se associarem a colonos, na nova produção. O cultivo regular da cana estabeleceu-se definitivamente a partir de meados do século XVI, tendo o Nordeste como principal região produtora.

No século seguinte, o negócio canavieiro viveu sua primeira crise, quando os holandeses, que se abasteciam por Portugal, ocuparam, em 1630, a região nordestina, ambicionando usufruir os lucros do açúcar. Foram expulsos cerca de 15 anos mais tarde, levando consigo mudas de cana que plantaram em suas co-

Linha do tempo da cana-de-açúcar



Entre 10000 e 8000 a.C.

A cana-de-açúcar é domesticada, provavelmente na Nova Guiné; seu plantio se expande na Polinésia (Ásia)

3000 a.C.

Índia passa a produzir açúcar

1000 a.C.

Expansão da cultura na Indochina e Baía de Bengala

640 d.C.

Expansão da cultura no Mediterrâneo

700 d.C.

Açúcar começa a ser comercializado no mundo

Séc. VIII

Árabes difundem cana no Marrocos

Séc. X

Árabes introduzem a cultura no Egito, Chipre, Sicília (Itália) e Espanha

Séc. XI

Europa conhece a cana, apelidando-a de “mel pagão”, pela ligação com os árabes

lônias, nas Antilhas. “Em pouco tempo, aquela região transformou-se num grande centro açucareiro, com a vantagem de estar mais próxima do mercado europeu, o que facilitava e barateava o transporte. Com essa forte concorrência, o açúcar brasileiro perdeu seu principal mercado e o Brasil deixou de liderar a produção mundial. A crise refletiu-se não somente no Nordeste, mas em todo o país”, informa Regina Leão.

Além da concorrência das Antilhas, o ouro de Minas Gerais atraiu maior atenção dos portugueses no século XVIII, levando o setor canavieiro a perder força. O ciclo da mineração abriu, porém, a possibilidade do cultivo da cana na região Centro-Sul do país, incluindo São Paulo. Iniciou também o processo de interiorização nas terras brasileiras e a mudança do pólo econômico na Colônia: o Sudeste tomou espaço do nordeste. Em crise, o açúcar nordestino só retomou o fôlego quando São Paulo deixou de competir no setor canavieiro, voltando-se inteiramente, entre meados do século XVIII e do século XIX, para o plantio do “ouro negro”, o café. Apenas após a Re-

volução de 1930 é que o governo de Getúlio Vargas tomou medidas para reerguer a cultura de cana-de-açúcar, criando, em 1933, o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), que passou a “disciplinar” o setor, estabelecendo cotas máximas de produção por usina, um preço fixo por tonelada de cana comercializada e um volume determinado para exportação.

Para Regina Leão, aquela foi a penúltima fase em que o setor canavieiro foi intensamente apoiado pelo governo. A última foi a partir de 1975, com o advento do Programa Nacional do Alcool, o Proálcool, programa de incentivo à produção do álcool combustível, que surgiu como alternativa à crise do petróleo instalada em meados dos anos 1970 pela Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep). “O Brasil foi a única nação que conseguiu responder à crise internacional de abastecimento de petróleo com a produção e a utilização de um combustível alternativo. Para tanto, foi ampliada a base agroindustrial e implantada uma rede de distribuição em todo o território brasileiro”, afirma Regina. Estima-se que, em seus dez primeiros anos, o Proálcool

tenha ocupado 830 mil trabalhadores. Assim, os primeiros anos da década de 1980 assistiram ao aumento da produção do álcool combustível e da venda de carros a álcool. Mas, já na segunda metade daquela década, o preço do petróleo voltou a cair, desinteressando o consumidor pelo álcool combustível e abrindo uma crise no Proálcool.

De todo modo, o período áureo do Proálcool mudou o perfil da produção nacional de cana, reduzindo o número de pequenos produtores rurais que se dedicavam a um plantio de subsistência. Os canaviais se expandiram pelo Brasil, trazendo consigo a figura do “bóia-fria”, trabalhador temporário das grandes lavouras monocultoras no período da colheita da cana. Após o boom de venda dos carros a álcool, o governo perdeu o interesse em controlar o setor. Em 1990, durante a gestão Fernando Collor, o IAA foi extinto. A despeito disso, a cana-de-açúcar vem mantendo sua relevância econômica e hoje ocupa o posto de produto agrícola brasileiro com maior safra, em toneladas, ajudando a escrever a história de nosso país. 

1176

Primeira referência à prensa da cana, em Palermo (Itália)

1425

D. Henrique, rei português, busca na Sicília, Itália, mudas para plantio na Ilha da Madeira

1493

Cristóvão Colombo introduz o plantio da cana na América, na região onde hoje fica a República Dominicana

1532

Martim Afonso de Souza traz a cana para o Brasil e funda o primeiro engenho brasileiro, em São Vicente-SP

Séc. XVII

Em fins desse século, a descoberta de ouro em Minas Gerais retira o açúcar do centro da economia brasileira

Séc. XVIII

No início desse século, cresce a concorrência do açúcar brasileiro com o produzido nas ilhas do Caribe e nas Antilhas

1815

Primeiro engenho de açúcar a vapor, na ilha de Itaparica, litoral da Bahia

1857

Surgem no Brasil os engenhos centrais que somente moíam a cana e processavam o açúcar, deixando o cultivo aos fornecedores

1914

A 1ª Guerra Mundial devasta a indústria europeia, aumentando o preço do açúcar no mercado mundial. Para suprir a demanda, o Brasil constrói mais usinas, principalmente em São Paulo

1933

Criação, no primeiro governo de Getúlio Vargas, do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)

1975

Crise do petróleo, Brasil lança o Proálcool

1985

Cresce venda de carros que usam o álcool combustível

1990

Com a queda dos preços do petróleo no mercado internacional, Proálcool entra em crise

1992

Governo Collor extingue o IAA

1993

Lei n. 8.732 determina a mistura de álcool anidro como aditivo da gasolina (na faixa de 20% a 25%)

1998

ESALQ inicia pesquisas com cana transgênica

2003

Projeto “Genoma Cana” conclui mapeamento de 90% do código genético da cana-de-açúcar, abrindo campo para pesquisas inovadoras

Fontes

LEÃO, Regina Machado. *Alcool energia verde*. São Paulo: Iqual, 2002.

Unica – www.unica.com.br

Centros de Estudos de História do Atlântico – www.ceha-madeira.net